

TRABALHO (DOCENTE) MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISES NECESSÁRIAS PARA ROMPER PRECONCEITOS

Jean Sousa de Medeiros Filho¹
Mariangela Momo²

RESUMO

Na organização social contemporânea, especialmente no Brasil, com muitas características de desigualdades de gênero, cabe pensar na Educação com um papel primordial na redução dessas desigualdades, no rompimento de preconceitos e na promoção de uma sociedade mais igualitária, plural e democrática. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar a presença e o trabalho da figura masculina na Educação Infantil. Visando atingir tal objetivo adotamos dois procedimentos metodológicos já realizados em uma pesquisa anterior e ampliados neste trabalho: 1) Análise dos relatos de experiência de um dos autores deste texto na condição de estagiário da Educação Infantil e de mais dois estudantes de graduação em Pedagogia que estagiaram em Centros Municipais de Educação Infantil, na cidade de Natal/RN; 2) Análise de pesquisas, realizadas entre 2018 e 2023, sobre a presença de profissionais homens na Educação Infantil no Brasil, dos repositórios das Universidades Federais do país. Como referencial teórico, acionamos os Estudos de Gênero com autores como Louro (2004), Sayão (2005) e Silva (2015). Os principais resultados apontam para: 1) O estranhamento da presença masculina no âmbito da Educação Infantil; 2) Tensões na relação entre família e escola envolvendo a atuação profissional masculina; 3) Identidade docente no âmbito da Educação Infantil como preponderantemente feminina e 4) Interação com naturalidade das crianças nas relações com os profissionais homens. Esses resultados indicam a necessidade de investimento na formação inicial e continuada de professores(as) no que diz respeito à temática de gênero; a necessidade de diálogo e estreitamento de laços na relação entre família e escola; assim como a necessidade de compreender de onde partem esses preconceitos. Ao mesmo tempo, as relações das crianças estabelecidas com os profissionais homens evidenciam que a presença masculina nessa etapa escolar pode colaborar para a promoção de uma sociedade mais democrática, plural e igualitária.

Palavras-chave: Docente Masculino, Educação Infantil, Preconceito, Democracia.

INTRODUÇÃO

A construção da sociedade brasileira contemporânea é fortemente marcada por características de desigualdade de gênero que influenciam as relações interpessoais, em vários âmbitos. No que concerne a esfera educacional, essa estrutura implica em

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jean.medeiros.110@ufrn.edu;

² Doutora em Educação. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, marimomo@terra.com.br.

situações que induzem comportamentos sexistas que agem, explícita e implicitamente, sob a atuação docente e sob a visão da sociedade sobre essa práxis; principalmente, no que diz respeito à docência masculina na etapa da Educação Infantil.

No Brasil, considera-se o público da Educação Infantil sendo a faixa etária de 0 a 5 anos de idade e o pensamento sobre o trabalho docente nesta etapa constrói-se de acordo com as especificidades da primeira infância. Nesse sentido, é importante falar sobre a característica global da prática docente com tal público, uma vez que o educar e o cuidar são indissociáveis, considerando o que Oliveira-Formosinho (2002, p. 45) diz a respeito da dependência emocional e física desse público, o que incapacita-o de responsabilidades e torna-o dependente de adultos para o atendimento às suas necessidades.

Partindo dessa conceituação, o estudo visa compreender quais lugares os professores homens vêm ocupando nessa especificidade do educar-cuidando e qual é a concepção da comunidade escolar e das famílias a respeito do assunto. Além disso, o presente estudo objetiva discutir a importância do rompimento de paradigmas que estão imbuídos nessa prática, por influência de noções machistas, buscando entender como eles podem atuar sobre essas noções. Ainda, considera-se importante analisar o que foi exposto acima, pensando em práticas de reversão de conceitos que atrapalham na construção e promoção de uma sociedade mais igualitária, plural e democrática, a partir da presença de professores homens na Educação Infantil.

Portanto, para elaboração dessa discussão, foi realizada uma análise dos relatos de experiência de três estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que atuaram como estagiários na Educação Infantil em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Natal-RN, sendo um deles o autor principal deste trabalho. Somando a isso, analisou-se também títulos que abordam o mesmo tema, no recorte temporal de 2018 a 2023, para compreender o que a comunidade acadêmica vem construindo a respeito da temática. Foram selecionados 14 títulos, encontrados nos repositórios de diferentes universidades do Brasil.

Com isso, percebe-se que o espaço escolar da Educação Infantil, no Brasil, ainda é limitado à sua compreensão como um lugar de trabalho feminino, causando estranhamento e desconforto quanto à presença dos docentes de gênero masculino, em decorrência de uma resistência da comunidade escolar e externa diante à sua ocupação nesses espaços. Essa resistência causa tensões entre família e equipe pedagógica, dado à compreensão que ainda há sobre essa práxis como unicamente feminina. Além do mais,

outra visão ainda enraizada na sociedade é de que o docente homem, ao lidar com o público mencionado, oferece risco às crianças. Entretanto, esses conceitos não se fazem presentes na interação das crianças com os professores, já que, evidentemente, elas agem com naturalidade e de maneira afetuosa.

METODOLOGIA

Para elaboração do presente trabalho, buscou-se seguir dois procedimentos metodológicos, sendo o primeiro análise do relato de experiência do autor principal deste texto, somando-o a outros dois relatos de mais dois estudantes do curso de Pedagogia da UFRN, que estiveram na condição de profissionais homens na educação infantil em CMEIs de Natal-RN. Já no segundo movimento foi realizada uma revisão bibliográfica de diversos trabalhos realizados entre 2018 e 2023, os quais discutem a temática proposta neste escrito.

No primeiro movimento, os estudantes estagiaram nas instituições de Educação Infantil em bairros diversos da capital riograndense e relataram algumas das suas experiências, revivendo episódios que julgaram importantes para a construção dessa análise, relacionando-as com os trabalhos encontrados e com o referencial teórico utilizado.

No segundo, os autores do texto usaram os termos “Docente Masculino”, “Educação Infantil”, “Preconceito”, “Democracia” – palavras chaves deste trabalho – para buscar documentos que tratassem a temática aqui discutida, para realizar a revisão bibliográfica necessária, compreendendo o que vem sendo discutido acerca disso na comunidade científica do país, nos anos mencionados.

Ao final da busca, foram encontradas catorze produções nos repositórios das Universidades Federais (UFs) e Estaduais do país. No ano de 2018, foram realizados três trabalhos, das Universidades do Estado de Goiás e da Paraíba. No ano seguinte, foram produzidos dois, na UFRN. Em 2020, a quantidade foi a mesma do ano anterior, com mais duas produções, nas UFs de Paraíba e Pernambuco. Em 2021, dois textos da UFBA e UFT; e, em 2022, na UFPB e na UFSC. Dos trabalhos do ano passado, foram encontrados três trabalhos, da UEG, UFU e UFRN.

Por último, a composição do referencial teórico foi feita a partir das leituras dos autores citados anteriormente. No que concerne às relações de gênero na atuação docente masculina e na escola, analisando como esses temas se cruzam, dentro do

ambiente educacional e na construção da identidade docente do profissional da educação infantil, foram analisadas as obras de Claudionor Renato Silva. Para falar sobre a presença e representação do gênero nas escolas, buscando entender como as instituições educacionais historicamente fortalecem ou desconstruem estereótipos de gênero, foram consultadas as contribuições de Deborah Thomé Sayão. Já para falar sobre como a escola atua na construção dessas identidades de gênero e sobre as práticas pedagógicas e interações escolares na concepção de estereótipos de gênero, foram usados os estudos de Guacira Lopes Louro.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil, no Brasil, é a etapa da educação básica do país que trabalha com o processo de ensino e aprendizagem de crianças de 0 a 6 anos de idade, sendo dividida entre creche – para as crianças de 0 a 3 anos – e pré escola – de 4 e 5 anos de idade. Historicamente, segue sendo caracterizada como ambiente profissional estritamente feminino e, em decorrência disso, a atuação docente masculina nesta etapa sofre limitações que foram embasadas em contextos sexistas.

Sobre isso, Sayão (2005, p. 152) destaca que essa característica está associada à característica binominal da relação cuidado-educação no contexto supracitado. A autora também diz que é importante esclarecer que não há justaposição entre os dois termos, já que esse entendimento é uma parte significativa da história da Educação Infantil (SAYÃO, 2005, p. 156). Isto é, essa associação da prática pedagógica evidencia-se na resistência da sociedade contemporânea brasileira em legitimar o homem como possível professor da educação, por entender que o hábito de cuidar é papel social e inato do gênero feminino.

Retratando o desenvolvimento histórico da etapa educacional em questão, isso se justifica quando há, na história da etapa educacional abordada, uma transição da visão assistencialista e de guarda para a noção de cuidado, que passa a ter novo significado, designando novas funções para o profissional docente da educação infantil, objetivando a proteção física da criança, sendo complementar à família com atenção à individualidade (SAYÃO, 2005, p. 157, apud ROSEMBERG 2001, p. 35).

Nesse sentido, pensa-se quais lugares um professor homem, na educação de crianças de 0 a 5 anos de idade, pode ocupar? Para refletir sobre isso, é relevante pensar que a prática docente da Educação Infantil está para além do atendimento às

necessidades básicas e fisiológicas das crianças. A respeito disso, Silva (2014) reforça que:

O professor/a professora de educação infantil não é um cuidador cuidadora, nem babá, como alguns pais se referem ainda. Ele/ela é alguém que exerce uma profissão. Recebeu formação para isso. Foi aprovado num concurso público ou passou por uma entrevista que habilita a exercer uma função: a função de ensinar na primeira infância. Referimo-nos, portanto, a uma pessoa que trabalha. Está envolvida em práticas de ensino e aprendizagem, cuidado e desenvolvimento humano (SILVA, 2014, p. 40,41).

Considerando o que o autor argumenta, na condição de homem na educação infantil, que o processo de ensino-aprendizagem desse público está associado ao cuidado, pelas limitações de sua faixa etária; todavia tal característica precisa ser pensada de maneira científica e não de acordo com o senso comum, visando a formação acadêmica que os profissionais, independente com qual gênero se identifica, é um profissional que deve ser qualificado para o trabalho e que este ou esta deverá contribuir para o desenvolvimento das crianças, para que elas sejam sujeitos de direitos, protagonistas de suas aprendizagens e que participem ativamente de seu próprio desenvolvimento (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, deve-se ir contra o senso comum que embasa entendimento da sociedade que a tem as capacidades e habilidades inatas ao gênero feminino. Silva (2014) lembra que:

É a sociedade que construiu essa imagem da mulher que é amorosa, que educa e é professora porque ama crianças, que acaricia, dá afeto. Esta mesma sociedade construiu também o homem como brutal, símbolo de força, da autoridade, que diante da criança pequena estaria sua figura, muito mais próxima de um 'ogro' do que ali um príncipe do mundo de fadas. (SILVA, 2014, p. 58)

Portanto, fica evidente que os impedimentos do trabalho (docente) masculino na educação infantil é uma construção social, pautada em conceituações de cunho não científico e que não tem fundamentação e/ou embasamento. Nesse contexto, são construídos o que Louro (2003, p. 58, 59, 60) reconhece como símbolos e que, através deles, a escola acaba delimitando espaços, ao longo da história, delimitando os lugares permitidos e/ou proibidos. Ela afirma que:

Através de muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas; tornam-se quase "naturais" (ainda que sejam "fatos culturais"). A escola é parte importante desse processo. Tal "naturalidade" tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. (LOURO, 2003, p. 60)

Dessa forma, possibilita-se o entendimento da escola como instituição reforçadora dos paradigmas históricos que vêm sendo abordados no decorrer deste trabalho. Ademais, também é reforçada a necessidade de se pensar os lugares que os homens ocupam na educação infantil, onde muitas vezes ocupam cargos que vão de auxiliar de serviços gerais e porteiros a cargos de gestão. Tais funções obedecem à ideia de que o homem, quando não tem que trabalhar serviços braçais, estão ligados a cargos de dominância. Assim, entendimentos como esses reforçam limitações e compreensões das possibilidades para o professor homem na educação infantil, sendo limitador não apenas para professores homens, mas para professoras mulheres, também, quando determinam que seus lugares devem ser cargos entendidos como de menor importância, capacidade e esforço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo o que vem sendo construído, na revisão bibliográfica realizada, foram analisados os catorze títulos que falam sobre o tema trabalhado neste artigo, que foram listados abaixo na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados para Revisão Bibliográfica

TÍTULO	AUTOR(ES)	IES	ANO
DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DEBATE A PARTIR DO ESTÁGIO DE PEDAGOGIA	CLAUDIONOR RENATO DA SILVA; LUANA ALVES PORTO VELOSO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG	2018
ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O DISCURSO DE ALUNOS DE PEDAGOGIA DA UFPB ACERCA DE PROFESSORES DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	JOSÉ HENRIQUE DA SILVA DE LIMA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB	2018
TEM HOMEM NA ESCOLA: PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	JOSÉ LEANDRO MACIEL DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB	2018
HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRECONCEITOS E DESAFIOS	FILIPE FAGUNDES DE MELO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN	2019

A PRESENÇA DO HOMEM COMO PROFESSOR POLIVALENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA	EDERSON MARCOS TEXEIRA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – UFRN	2019
DESAFIOS DOS ESTUDANTES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES À LUZ DAS RELAÇÕES DE GÊNERO	LEONARDO LIMA DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB	2020
PROFESSORA SIM. PROFESSOR TAMBÉM. TIO JAMAIS: UM ESTUDO SOBRE MASCULINIDADES E DOCÊNCIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REGIÃO AGRESTE DE PERNAMBUCO	MARCIANO ANTONIO DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE	2020
A ATUAÇÃO MASCULINA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	DANIEL JOSÉ DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA	2021
A ATUAÇÃO DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	HUGO JUNIO FERREIRA DE SOUSA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT	2021
PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS RECENTES	BIANCA DOS SANTOS	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC	2022
HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: GÊNERO COMO MARCADOR DA CONDIÇÃO DOCENTE	RAYFFI GUMERCINDO PEREIRA; KÁTIA PATRÍCIO BENEVIDES; MARIA EULINA PESSOA DE CARVALHO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JOÃO PESSOA – UFPB	2022
VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE PRÁTICAS E SENTIDOS	MURILO ROCHA FERREIRA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG	2023
HOMENS A EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PROFESSORES ATUANTES NA REDE MUNICIPAL DE UM MUNICÍPIO DO TRIÂNGULO MINEIRO	DANIEL JOSÉ DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU	2023
A FIGURA MASCULINA PERFORMANDO COMO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	HELDER KELSEN SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN	2023

Após a leitura dos trabalhos listados acima, percebeu-se tópicos que se assemelham com os incômodos que levaram à construção deste texto. Entre eles, o principal ponto em comum é o estranhamento da presença de um professor homem na Educação Infantil. Como já exposto, é histórico e estrutural o conceito que essa práxis docente feminina. A esse respeito, em um dos textos revisados, o autor José Leandro Silva (2018) menciona em sua monografia:

[...] a maioria dos pais pressupõe que o professor na educação infantil deva ter conhecimentos específicos acerca do desenvolvimento humano que certamente não são construídos no nível de escolaridade do profissional, como fazer a higienização das crianças, o que para alguns, é “complicado” para profissionais do sexo masculino, o que fortalece a crença de que é arriscado confiar aos homens crianças pequenas e indefesas (SILVA, 2018, p. 35)

Esse trecho aborda outra questão facilmente encontrada na relação docente-escola-família: as tensões nessa relação, envolvendo a atuação profissional masculina, vendo o homem como ser humano incapaz de cuidar e, até mesmo, perigoso nessa prática, desconsiderando a possibilidade de ser, o professor, um pai, um avô ou um tio também. Tais noções e acontecimentos também estão muito presentes nos relatos de experiências dos três estudantes da UFRN que serviram como uma das bases para esse escrito.

Nas três experiências, os estudantes vivenciaram pelo menos um episódio dessa resistência. Em ambos, familiares e, até mesmo, funcionárias e funcionários dos próprios CMEIs em que eles atuaram limitavam as interações e as atividades que os estagiários tinham com as crianças, além de olhares acusadores que estavam sob eles, sempre que precisavam levar algum dos alunos ao banheiro ou quando algum aluno precisava de algum cuidado relacionado ao corpo. Entretanto, essa resistência parte dos adultos e, raramente, alguma criança se sente incomodada com a presença masculina no ambiente escolar. Do contrário, a interação é pautada em uma naturalidade por parte das crianças nas relações com seus professores homens. Em nenhum dos relatos, houve alguma menção em que as crianças tenham se sentido com medo ou desprotegidas, quando estiveram com seus professores. Ao invés disso, demonstram enxergá-los como uma figura de referência.

Isto posto, são essas que mantêm o afastamento de homens da profissão na Educação Infantil. Sobre isso, Felipe Melo (2019) aponta – em outro texto analisado – ao mencionar algumas entrevistas realizadas para a elaboração do seu trabalho:

Os entrevistados que já concluíram o curso têm um discurso um pouco diferente dos que ainda estão estudando, demonstrando maior distanciamento e menos esperança sobre a abertura das instituições para homens, ressaltando que mesmo depois de formados e com experiência na área como auxiliares, ainda há muita dificuldade em poderem atuar como professores titulares nas escolas de Educação Infantil. (MELO, 2019, p. 13)

Com isso, entende que os mitos sobre masculinidade reforçam estigmas sociais que estão frequentemente associados à presença masculina em ambientes infantis, vendo os profissionais como seres de comportamentos intimidadores e/ou perversos. Essas questões criam um ambiente de segregação e desconfiança em relação à atuação de homens, não apenas na Educação Infantil, como também em escolas do Ensino Fundamental – anos finais e iniciais – também.

Por último, é interessante trazer apontamentos que o egresso do curso de Pedagogia, Helder da Silva (2023) traz em todo o seu trabalho que não há impedimentos legais que limitem homens de atuar na Educação Infantil, uma vez que é inconstitucional uma função profissional de acordo como o gênero restringir a de gênero para essa função. Ou seja, para ser professor nesta etapa educacional, assim como nas outras, faz-se necessário formação técnica e pedagógica e esse é o critério essencial para a atuação. Entretanto, questões como as problemáticas abordadas no decorrer do texto, desestimula profissionais egressos e graduandos do curso de pedagogia, uma vez que percebem essas dificuldades logo ao se inserir no mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que vem sendo tratado até aqui, entende-se a necessidade de rever o que vem sendo investido nas formações inicial e continuada dos profissionais, em relação à temática de gênero. Uma equipe pedagógica alinhada com essas questões, de forma segura e bem fundamentada, vai contra a estruturação social analisada pelo presente texto e conduz a construção de uma visão docente (masculina) por um viés científico e profissional, desconsiderando estigmas e preconceitos que esbarram de forma prejudicial na atuação séria do sujeito posto em cheque.

Dessa forma, outro caminho importante é o que guia a comunidade escolar e família para o diálogo e estreitamento de laços nessa relação, compreendendo de onde partem esses preconceitos e qual o trabalho necessário para revertê-los. Entre os relatos,

é comum a fala sobre falta de aceitação e olhar acusador das famílias sob esses profissionais ainda no estágio. Portanto, acreditar nos profissionais escolhidos é um passo inicial para um trabalho que precisa ser gradual e constante.

Diante disto, outro caminho é entender quais as intencionalidades no ensino-aprendizagem nas práticas docentes, pensando como estamos tratando as crianças, principalmente, os meninos. Por exemplo, nos relatos, também é comum episódios de escolhas de brincadeiras de forma descontextualizadas e que reforçam comportamentos problemáticos quanto ao gênero – exemplificando: meninas só podem brincar de boneca, com utensílios domésticos; enquanto meninos brincam de lutas, com carros, com armas etc. De que forma e até que ponto essas escolhas conduzem uma prática pedagógica problemática?

Nas relações estabelecidas entre as crianças e os profissionais homens, evidenciam que a presença masculina nessa etapa escolar pode colaborar para a promoção de uma sociedade mais democrática, plural e igualitária. Sendo assim, visto que, paulatinamente, as crianças entendem quais papéis o homem pode assumir em sociedade, além dos que, historicamente, ocupa e como ele pode ser atuante na transformação dos estigmas históricos, sociais e culturais, que agem sob eles próprios; cabe intencionalizar as atividades de forma que possam construir uma visão de homem diferente da que é construída na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 10 de outubro de 2024

LOURO, GUACIRA LOPES. **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MELO, Felipe F. de. **Homens na Educação Infantil: preconceitos e desafios**. 2019. 16 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. (orgs.) **Formação em contexto:** uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SAYÃO, DEBORAH THOMÉ. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil:** *um estudo a partir de professores na creche*. Tese (doutorado) - Centro de Ciências da Educação-UFRS. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2005. *RI-UFRS*, <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106572>.

SILVA, CLAUDIONOR RENATO. **Docência Masculina na Educação Infantil**. Jundiaí, Paco Editorial, 2014.

SILVA, Helder Kelsen da. **O educar e o cuidar também são "coisas do homem"**. Orientador: Jacyene Melo de Oliveira Araújo. 2023. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SILVA, José L. Maciel da. **Tem homem na escola: professores na educação infantil**. Monografia. 12 Junho 2018. *Repositório UFPB*, <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14093>.